

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL
ESPECIALIZAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E
EDUCAÇÃO DO CAMPO II – RESIDÊNCIA AGRÁRIA**

**LIMITANTES E POTENCIALIDADES PARA A
PRODUÇÃO DE FRUTAS E OLERÍCOLAS NOS
ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DA
REGIÃO DA FRONTEIRA OESTE DO RS**

Artigo de Conclusão de Curso

Andréia Furtado da Fontoura Maier

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**LIMITANTES E POTENCIALIDADES PARA A PRODUÇÃO
DE FRUTAS E OLERÍCOLAS NOS ASSENTAMENTOS DE
REFORMA AGRÁRIA DA REGIÃO DA FRONTEIRA OESTE
DO RS**

por

Andréia Furtado da Fontoura Maier

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo II – Residência Agrária da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de **Especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marlove Fátima Brião Muniz

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e
Educação do Campo II – Residência Agrária**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo de Conclusão de Curso

**LIMITANTES E POTENCIALIDADES PARA A PRODUÇÃO DE
FRUTAS E OLERÍCOLAS NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA
AGRÁRIA DA REGIÃO DA FRONTEIRA OESTE DO RS**

elaborado por
Andréia Furtado da Fontoura Maier

como requisito para obtenção do grau de
**Especialista em Agricultura Familiar
Camponesa e Educação do Campo**


COMISSÃO EXAMINADORA:



Marlove Pátima Brião Muniz, Dr^a
(Presidente/Orientadora)



Cassiane da Costa, Dr^a (UERGS)



Marielen Kaufmann, Ms. (UFSM)

Santa Maria, 22 de setembro de 2015.

LIMITANTES E POTENCIALIDADES PARA A PRODUÇÃO DE FRUTAS E OLERÍCOLAS NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DA REGIÃO DA FRONTEIRA OESTE DO RS

Andréia Furtado da Fontoura Maier

Resumo: O objetivo principal do estudo proposto consiste em investigar os fatores que são limitantes e os potenciais para a produção de frutas e olerícolas na região da Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul. O contexto onde se desenvolveu a pesquisa foi o município de Manoel Viana. A presente pesquisa pode ser classificada como um estudo de caso teórico-empírico. Foram realizadas dez entrevistas com famílias de agricultores do assentamento Santa Maria do Ibicuí que têm a produção de frutas e olerícolas e apresentam algum tipo de relação com o mercado. Das famílias entrevistadas, 30% têm na produção de olerícolas e/ou frutas a renda principal do lote. O restante tem nessas produções uma renda complementar a outras atividades. As atividades que aparecem como principal, com mais frequência são: leite (30%), suínos (10%), arroz (10%), peixe (10%) e bovinos de corte (10%). Aparecem ainda como atividades complementares a avicultura colonial para produção e comercialização de ovos e frangos, e a produção caseira de queijo e panificados. O cultivo de olerícolas e frutas na região da Fronteira Oeste, mesmo com limitações de ordem ambiental, apresenta um potencial bastante grande. As experiências desenvolvidas e conhecidas até o momento amparam essa ideia, pois mostram que uma diversidade grande de espécies se adapta as condições locais. Se para a produção, os problemas identificados podem ser superados com conhecimento técnico e tecnologias adaptadas a cada realidade, para a comercialização exigirá um melhor planejamento das famílias visando o escalonamento dos produtos para que haja regularidade de oferta.

Palavras-chave: agricultura familiar; opção de renda; comercialização;

Abstract: The main objective of the proposed study is to investigate the factors that are limiting and the potential for the production of fruit and vegetable crops in the West Frontier region of State Rio Grande do Sul. The context in which developed the survey was the municipality of Manoel Viana. This research can be classified as a study of theoretical and empirical case. Ten interviews were conducted with families of farmers in the settlement of Santa Maria Ibicuí who have the production of fruit and vegetable crops and have some kind of relationship with the market. Of the families interviewed, 30% are in the production of the vegetable and/or fruit the main batch income. The rest of these productions have an additional income to other activities. The main activities that appear more often are milk (30%), porcine (10%), rice (10%), fish (10%) and beef cattle (10%). Still appear as complementary activities to colonial poultry production and marketing of eggs and chickens, and homemade cheese production and bakery. Cultivation of vegetable crops and fruits in the region of West Frontier, even with limited environmental, has a very great potential. The developed and experiments yet known bolster this idea, that they show a great diversity of species adapts to the local conditions. To production, problems identified can be overcome with technical expertise and technologies suited to each situation for the marketing will require better planning of families aiming the analysis of products for which there is regular supply.

Keywords: family farming; income option; marketing;

INTRODUÇÃO

Na região da Fronteira Oeste, do estado do Rio Grande do Sul, o cultivo de frutas e olerícolas ocorrem com frequência em propriedades rurais familiares. A maior parte dessa produção é destinada para o consumo familiar, mas também são observadas algumas iniciativas de produção comercial em pequena escala. Na região, esse tipo de produção não é tradicional, pois predominam as grandes propriedades dedicadas à pecuária de corte e lavouras de arroz nas áreas de várzea.

Em Manoel Viana, município de 7.072 mil habitantes, as iniciativas mais representativas de produção comercial de frutas e olerícolas são observadas no Assentamento Santa Maria do Ibicuí, onde as famílias envolvidas com essas produções comercializam seus produtos através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE¹), feiras de produtores que ocorrem esporadicamente, vendas nas propriedades, além de encomendas de moradores do meio urbano do município.



Figura 1 - Região da Fronteira Oeste e municípios
Fonte: Site da Associação do Municípios da Fronteira Oeste
<http://b.daterraamfro.sites.uol.com.br/amfro.htm>

Nos municípios da região, estima-se que uma porcentagem considerável (aproximadamente 75%) de produtos hortigranjeiros seja adquirida de outras regiões. Muitos são os fatores, das mais diversas ordens, que influenciam a insuficiente produção regional para o abastecimento da população local. A união desses fatores faz com que existam poucas experiências de produção de olerícolas, entretanto, essas poucas experiências são o testemunho de que é possível a obtenção de boas produções agrícolas com as condições

¹O Programa garante, por meio da transferência de recursos financeiros do FNDE, a alimentação escolar dos alunos de toda a educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) matriculados em escolas públicas e filantrópicas. O objetivo do Programa é atender as necessidades nutricionais dos alunos durante a permanência em sala de aula de modo a contribuir para o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem e o rendimento escolar dos estudantes, assim como promover a formação de hábitos alimentares saudáveis (FNDE, 2012).

existentes, bastando o interesse de um número maior de agricultores, assim como o incentivo das políticas públicas locais e uma melhor articulação com o mercado.

Assim, a justificativa para esta pesquisa consiste na necessidade de reunir maiores informações sobre os fatores que são limitantes e potenciais para a produção de frutas e olerícolas nos assentamentos de projetos de reforma agrária da Fronteira Oeste do RS, buscando diagnosticar elementos para estimular o desenvolvimento desta atividade.

Desta maneira, o objetivo principal do estudo proposto consiste em investigar os fatores que são limitantes e os potenciais para a produção de frutas e olerícolas na região da Fronteira Oeste/RS. Parte-se da premissa que para o futuro, essas pequenas produções continuem a representar uma alternativa para a diversificação da produção, além de poder significar uma opção de renda para um número maior de famílias, pois existe um amplo mercado no município e na região a ser conquistado, porém isso exigirá uma melhor organização e planejamento por parte dos agricultores, assim como apoio e incentivo por parte do poder público.

Especificamente, pretende-se descrever as principais atividades produtivas nos assentamentos da região; mostrar como o contexto local interfere na tomada de decisão da atividade produtiva; entender como se dá o processo de tomada de decisão para “escolher” a atividade produtiva (condicionantes que interferem na tomada de decisão); e avaliar a influência da ATES (Assessoramento Técnico, Social e Ambiental) nas decisões produtivas.

A produção e a comercialização de frutas e olerícolas no RS

Segundo recomendação do Guia Alimentar para a População Brasileira, as frutas, os legumes e as verduras, por serem ricos em vitaminas, minerais e fibras, devem estar presentes diariamente nas refeições, e seu consumo tem sido incentivado em diversos países. Isso se deve ao fato de a ingestão estar associada, principalmente, à redução do risco de problemas cardiovasculares, cada vez mais frequentes em consequência da alimentação inadequada e pobre em vegetais (WHO, 2003).

No Brasil, o consumo destes alimentos ainda é considerado inferior à ingestão diária recomendada, especialmente entre as famílias de baixa renda. De acordo com Jomori et al. (2008), a escolha alimentar é influenciada por diversos fatores, como o ambiente onde o indivíduo está inserido, os recursos de que disponibiliza, seus relacionamentos sociais e suas experiências individuais. O consumo mínimo recomendado desses alimentos é de 400

gramas/dia, o que significa aumentar em, pelo menos, três vezes o consumo médio atual da população brasileira (BRASIL, 2006).

Nos últimos anos, a demanda por produtos naturais e saudáveis em função da crescente preocupação com a qualidade de vida tem crescido consideravelmente. As mudanças nos hábitos alimentares dos consumidores influenciam fortemente o mercado que deve ser dinâmico e inovador para acompanhar as tendências de consumo (VILELA e HENZ, 2000).

Para a agricultura familiar, a produção de frutas e olerícolas podem representar uma excelente alternativa de produção em função da pequena área que ocupa, do ciclo curto que proporciona rápido retorno do capital investido e pela procura da população por esses produtos. Assim, para os agricultores é primordial aproveitar essa tendência de mercado e diversificar a produção e/ou consolidar seus cultivos através de uma alternativa que se mostra viável.

Esses produtos são bastante susceptíveis a oscilações de mercado ao longo do ano em decorrência da oferta e demanda de produção, como uma resposta as variações climáticas. Essa característica gera uma sazonalidade de preços em função da variação da produção, que pode ser vista como desvantajosa para o agricultor e para o consumidor final. Outra característica que deve ser levada em consideração é a perecibilidade dos produtos, que torna a comercialização mais complexa.

As frutas e olerícolas são comercializadas através de diversos canais, cada um com peculiaridades quanto a vantagens e desvantagens. As grandes redes de varejo, pequenos mercados, restaurantes, hotéis, feiras de produtores, mercados institucionais, são alguns dos locais onde podem ser vendidos esses produtos. O conhecimento dos canais de comercialização e a articulação cooperada entre os elos da cadeia, respeitando as características dos produtos e do mercado, servem de ferramenta para melhor organização e eficiência do sistema (LAGO 2010). Trento et al. (2011), alertam sobre a necessidade de se conhecer um pouco mais sobre o mercado, potencialidades, oportunidades e ameaças.

Os supermercados têm se destacado, no contexto atual, nos centros urbanos, como o principal canal de distribuição de hortifrutícolas (GUTIERREZ, 2008). Atualmente, todas as redes de supermercados mantêm departamentos com comercialização de frutas e olerícolas, o que demonstra o potencial de inserção que os agricultores familiares locais têm nesta área de produção. Entretanto, o acesso aos mercados por essa categoria social consiste em um dos

principais gargalos de todo o processo que envolve a produção. Trento et al. (2011) ressaltam que para permanência neste mercado, os produtores necessitam ter volume, qualidade, diversidade e regularidade de oferta, pois os consumidores precisam se alimentar diariamente e os fornecedores devem estar estruturados para isso.

A praticidade da compra é o principal fator que faz com que os consumidores façam uso deste canal de comercialização. Essa praticidade se traduz na possibilidade de compra de todos os produtos que necessita em um só local, flexibilidade de horário, formas de pagamento variadas, etc. Estimativas indicam que em média, o setor de hortigranjeiros das redes de supermercados é responsável pelo faturamento de 10%.

No entanto, do ponto de vista dos agricultores, este é o canal de comercialização mais exigente em termos de qualidade, regularidade na oferta e preço. Em muitos casos existe desvalorização dos produtos por ser perecível, por ser colhido fora do ponto ideal de colheita, por não ser classificado, não ser devidamente embalado, não ter rastreabilidade e não ser transportado corretamente (TRENTO et al., 2011).

Segundo Hamel e Prahalad (1995) a qualidade não será mais um diferencial competitivo, mas, apenas, o passaporte para a entrada no mercado. Assim, para ter sucesso na comercialização o caminho é empenhar-se na satisfação dos interesses e necessidades dos clientes que estão gradativamente mais exigentes e informados. Nos supermercados a manutenção da qualidade das frutas e olerícolas pode ser responsável pela fidelização de clientes, por isso diz-se que este é um canal de comercialização bastante exigente, visto que da qualidade e padronização dependem a constância das vendas destes e de produtos de outros departamentos das redes.

Isso ocorre porque os produtos industrializados em todas as redes de supermercados são praticamente os mesmos, portanto o diferencial poderá se dar nos produtos perecíveis. Silva et al. (2010) realizaram um estudo na região da Fronteira Oeste/RS, investigando o setor de frutas e olerícolas em um supermercado no município de Alegrete/RS que tem buscado adquirir a produção local. Verificou que quanto à rentabilidade, o setor não tem resultados significativos, mas reafirma sua importância no potencial atrativo ao cliente para as lojas.

O potencial de produção de frutas e olerícolas na região da Fronteira Oeste

O RS é um importante estado produtor de frutas e olerícolas, embora a produção em escala maior de determinados produtos esteja concentrada em algumas regiões como a região

metropolitana, que comercializam para outras regiões. Em grande parte dos municípios da Fronteira Oeste e Campanha, a produção local desses alimentos não é suficiente em diversidade e regularidade no decorrer do ano. A produção destes produtos não é tradicional na região, em virtude da predominância histórica do desenvolvimento de outras atividades, como arroz e pecuária de corte. Isso faz com que as produções locais estejam abaixo da demanda dos municípios e isso torna a região dependente de frutas e olerícolas oriundas de outras regiões do estado, que geralmente são adquiridas concentradas via Centrais de Abastecimento (CEASA).

Sabe-se de alguns produtos específicos que em função do clima não são produzidos no estado e vêm de outras regiões do Brasil. Entretanto a grande maioria dos produtos que são encontrados nos supermercados, tem potencial de serem produzidos localmente, pois já existem experiências de produção na região². Então, é possível fortalecer o grupo daqueles produtos que já são produzidos em menor escala, pois estes já mostram que são adaptados e já existe uma base de conhecimento para a produção naquelas condições. As experiências existentes de comercialização na região revelam boa aceitação dos produtos locais, comprovando mais uma vez a potencialidade para a ampliação deste mercado.

Todavia, saber sobre os cultivos que se adaptam na região e conhecer as peculiaridades do mercado em cada município são informações importantes de serem avaliadas antes dos agricultores consolidarem os cultivos em áreas maiores, considerando também as características de solo, distância da propriedade, preço dos produtos, etc. Assim, para o sucesso da atividade é necessário planejamento prévio equacionando uma série de informações. Neste sentido, problemas como a sazonalidade característica da região para a produção de alguns produtos olerícolas poderão ser minimizados através de algumas tecnologias, como uso de cultivo protegido e irrigação.

De maneira geral, a produção de grande parte das hortaliças que hoje são cultivadas na região de estudo é marcada pelo baixo nível tecnológico, onde encontram-se susceptíveis às intempéries climáticas, que atrasam o desenvolvimento das plantas no inverno pelo frio ser bastante rigoroso e prejudicam seu desenvolvimento no verão pelo calor ser bastante intenso.

² Nas feiras de produtores dos municípios da região, é encontrada uma grande diversidade de produtos, como: alface, beterraba, cenoura, repolho, couve-flor, brócolis, tempero verde, pepino, tomate, rúcula, batata-doce, mandioca, moranga, vagem, couve, pimentão, rabanete, abobrinha, pêssego, melancia, morango, laranja, bergamota, uva, entre outros. Parte desses produtos são comercializados via mercados institucionais, especialmente pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Desta maneira, sem o uso de certas tecnologias, o período de produção se torna menor, havendo intervalos entre safras.

O desenvolvimento dessa estratégia via incremento do uso da tecnologia, em certos períodos para determinadas culturas, seria oportuno para a estruturação do setor na região, acreditando na viabilização do acesso às redes de supermercado que, pensando na qualidade dos produtos tem buscado adquirir alimentos localmente para poderem acompanhar mais de perto a origem e características dos produtos adquiridos.

A necessidade de estruturação/organização das famílias para terem regularidade de produção poderá fortalecer as oportunidades de comercialização via mercados institucionais como PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e feiras de produtores já em curso em alguns municípios. Trento et al. (2011) salientam que a experiência com o mercado institucional deve ser considerada como um espaço de aprendizagem pela agricultura familiar, suas organizações e demais atores, constituindo-se um processo educativo de inserção ao mercado, do ponto de vista da qualificação para o acesso a outros canais de comercialização.

As feiras de produtores são alternativas interessantes de comercialização por indicarem quais os produtos são bem aceitos pelos consumidores (e possíveis de serem comercializados em outros canais). Mas, são úteis também para aquelas famílias menos estruturadas ou que contam com excedente de produção, por permitir que todo tipo de produto e em qualquer quantidade seja vendido.

Outra vantagem das feiras é diminuir a distância entre a produção e o consumo, cortando os intermediários do processo. O vínculo direto entre agricultor e consumidor traz vantagens para ambos os lados, por exemplo, possibilita o pagamento de um preço justo para os agricultores que oferecem um alimento mais fresco aos consumidores. Neste sentido, os consumidores ganham em qualidade, pois os alimentos produzidos localmente costumam chegar em melhores condições, por percorrerem um trajeto mais curto, além do manuseio dos produtos ser menor.

Trento et al. (2011) atentam para a importância da formalização de parcerias através da organização em cooperativas e associações, especialmente como forma de melhorar a competitividade dos agricultores familiares no mercado. O agricultor sozinho dificilmente consegue acessar bons mercados e manter a regularidade na oferta de produtos e na maioria

dos casos, não dispõe da infraestrutura necessária, assim, a organização em redes de comercialização facilitam as barreiras de inserção no mercado.

O processo de tomada de decisão

Dalcin (2010) ressalta que o vínculo do produtor à associação ou cooperativa pode influenciar suas decisões. A característica coletiva, *a priori*, permite aos agricultores um maior acesso a informações, sejam informações técnicas, sejam trocas de experiências entre agricultores (RAMBO e MACHADO, 2009). As experiências coletivas são capazes de construir mecanismos que permitem atingir objetivos que são comuns ao grupo. Estas, frequentemente viabilizam a comercialização coletiva dos produtos, estimulando assim determinada produção por existir um canal para escoamento dos produtos. Nestes casos, a tomada de decisão, acaba sendo uma opção escolhida quase que coletivamente.

Neste sentido, Brossier (1990) diz que, não é o indivíduo sozinho que toma as decisões, e muitas vezes o critério de decisão não é a otimização, mas a obtenção de uma solução satisfatória ou aceitável. Rodrigues Ocaña (1996) e Machado (1999) relatam que os fatores externos influenciam diretamente todo e qualquer processo decisório dos produtores rurais. As decisões são pautadas por uma complexidade de fatores que nem sempre considera aquilo que é mais rentável, mas aquilo que é mais seguro para o momento. É também pautado por aquilo que de mais imediato é possível ser feito. O agente econômico não é um maximizador, mas procura encontrar objetivos satisfatórios, optando por alternativas que estejam de acordo com determinados critérios, podendo não ser a única, nem a melhor (SIMON, 1978).

Às vezes os agricultores optam por atividades que de alguma maneira tenham uma forma de comercialização que dê menos envolvimento a eles. Este pode ser o caso da opção da escolha da atividade leiteira, em detrimento à produção de olerícolas por exemplo. A produção de verduras demandam um melhor planejamento e organização da família visando o escalonamento dos produtos, bem como se mostra mais exigente na compreensão do funcionamento do mercado e articulação com este.

Nesse sentido, optar por trabalhar com a pecuária leiteira, significa um envolvimento similar no decorrer do tempo, manejos diários quase repetitivos e facilidade de comércio

naqueles lugares em que existe “rota³ de leite”. Esta é uma situação diferente do envolvimento com a comercialização de frutas e olerícolas, onde o mercado é mais dinâmico e complexo, além de que, essas produções são mais susceptíveis a ação do tempo. Assim, as decisões tomadas induzem a alternativas boas o suficiente, sem necessariamente serem as melhores (SIMON, 1979).

As escolhas dos agricultores em trabalharem com determinada cultura ou criação são condicionadas por uma série de fatores internos e externos à propriedade, na qual muitos não são possíveis de se exercer o controle. Entre eles, se pode citar as influências das condições da natureza, do mercado, políticas governamentais, etc.

Uma das características mais marcantes da atividade agrícola em comparação com outros setores consiste na imprevisibilidade dos processos produtivos. Estes são altamente dependentes da natureza que, necessariamente cumprem as etapas de seus ciclos biológicos. Segundo Meira e Sette (1996), a agricultura é um dos negócios com maior potencial de risco devido a sua estrutura competitiva e às singularidades inerentes à atividade: envolve elementos vivos, influenciados por variáveis climáticas, biológicas sob as quais não se tem domínio.

Decidir entre uma atividade e não outra significa planejar o que será feito na propriedade pelos integrantes da família por um período significativo de tempo, e isso pode ser considerado um ato administrativo. Estudos em administração rural mostram que o produtor inicia o processo decisório, que é particular às suas características quanto aos recursos de seu meio e com as restrições que o limita, e finaliza o processo nele mesmo (CARRIERI, 1992).

A escolha e/ou avaliação da manutenção das atividades agrícolas desenvolvidas, ocorrem baseadas na observação direta e vivência cotidiana do que ocorre dentro e fora da unidade de produção. As informações recebidas pelo rádio, televisão, assistência técnica, vendedores, vizinhos e amigos ajudam influenciando positivamente ou negativamente para que outras atividades passem a ser testadas.

Aquelas propriedades que dispõem de algum tipo de informação contábil, são importantes estes dados serem também utilizados. Entretanto, dificilmente encontram-se agricultores que tenham o registro de custos e receitas das atividades. A dificuldade dos

³ É comum algumas comunidades rurais terem rota de leite organizadas por cooperativas. Nestes casos, a comercialização é favorecida, pois ocorre na própria propriedade sendo recolhida pelo caminhão do leite.

agricultores na área de gestão existe pelo acúmulo de atividades diárias o que faz com que o atendimento seja às demandas urgentes relacionadas à produção e a comercialização, ficando em segundo plano o planejamento sistemático.

Para Simon (1970), a decisão representa o processo pelo qual uma alternativa de comportamento ou estratégia é selecionada e realizada em determinado momento. Algumas decisões fazem parte do dia a dia e são rotineiras, outras, afetam a dinâmica do trabalho na propriedade e carecem de investimentos maiores que necessitam serem melhores avaliados.

As informações disponíveis sobre todos os elementos que envolvem a cultura/criação são elementos que auxiliam no processo de tomada de decisão. A análise dos recursos que dispõe em insumos, capital, tecnologia, recursos humanos e as restrições limitantes são elementos importantes de serem avaliados. Tomar decisões são práticas constantes na vida de todas as pessoas, que as fazem por meio de classificações ou comparações.

Na agricultura familiar, a tomada de decisão é uma ação difícil, pois envolve geralmente recursos financeiros limitados e informações restritas sobre o que ocorre para “fora da porteira”. Neste processo, são levados em consideração as necessidades da família e seus objetivos que são diversos. Assim, a escolha produtiva busca equacionar todos os interesses dentro de uma lógica que viabilize os recursos disponíveis e garanta a sobrevivência da família. Chayanov (1974) afirma que a família constitui-se na unidade-chave para explicar o processo de tomada de decisões no que se refere à produção, à alocação de forças de trabalho, à utilização dos equipamentos e aos investimentos.

Reichert, e Gomes (2013) argumentam que na agricultura familiar especialmente, a tomada de decisão não segue a lógica da racionalidade econômica que busca apenas a maximização do lucro, e que outros elementos, de ordem não econômica, influenciam o processo de tomada de decisão dos agricultores familiares, entre eles cita os aspectos sociais, ambientais, éticos, culturais e ideológicos. Schneider (2003) destaca que embora se tratem de estratégias conscientes e racionais, essa consciência é mediatizada por uma racionalidade informada pela realidade que tanto é a expressão das relações materiais presentes como daquelas herdadas e transmitidas culturalmente.

Lima et al. (2005) complementa essa ideia afirmando que normalmente, a estratégia adotada consiste em diversificar a produção de acordo com a disponibilidade de recursos, de modo a garantir o autoconsumo, diminuir o risco e aumentar a renda total da família, mesmo

que isso não signifique a melhor remuneração do capital investido e a maximização dos lucros.

De acordo com Oliszeski (2011) a diversidade produtiva tem por vantagens a economia de escopo, consorciada ou intercalada (produção com menores custos), redução do risco (eventos que atinjam um produto não atingem necessariamente os outros), uso mais balanceado dos recursos produtivos ou ainda a auto-suficiência. Esse mesmo autor ressalta que essas alternativas podem introduzir complexidade administrativa, dispersão de esforços e em algumas situações concorrência pelos recursos produtivos (equipamentos e mão-de-obra). A diversidade produtiva é capaz de reduzir os riscos, enquanto que a especialização será interessante somente em casos de nichos específicos ou contratação de produtos com exclusividade.

Mesmo em casos que existe a prática da mesma atividade por diferentes famílias que aparentemente apresentam características agroecológicas e socioeconômicas semelhantes se percebem que os sistemas de produção são diferentes na forma que são conduzidos. Essas diferenças resultam em níveis de acumulação e perspectiva de reprodução, distintas entre as propriedades. Segundo Rodríguez Ocaña (1996), as variáveis que intervêm nas decisões dos agricultores são elementos de um sistema que se situam em diferentes níveis, de acordo com as características dos agricultores. Os agricultores, como todos os indivíduos, têm comportamento racional, e se verifica uma notável coerência entre os objetivos que eles buscam alcançar e os meios por eles operacionalizados (BONNEVIALE apud BROSSIER, 1987). Assim, em muitos casos, as diferenças em ganhos estão na capacidade de gestão.

Lara (1991) faz referência sobre aspectos importantes que interferem na tomada de decisão, destacando a conexão entre os fatores: informação – formação – decisão – liberdade. Este autor defende que quanto maior a formação e a quantidade de informação em torno de situações decisórias, maior a liberdade na tomada de decisão possibilitando o atendimento da racionalidade e dos objetivos que se almejam. Neste sentido, em um ambiente de risco e incerteza, a disponibilidade de informação e possibilidades de formação assume relevância maior.

METODOLOGIA

O contexto onde se desenvolveu a pesquisa foi o município de Manoel Viana/RS o qual está localizado na região da Fronteira Oeste. Essa área geográfica do território do RS é

conhecida e lembrada pela predominância das grandes propriedades rurais, fruto da origem histórica e da forma como ocorreram as divisões de terra na região. O município está situado nas coordenadas geográficas 29° 11' 42" S e 29° 39' 54" S de latitude e 55° 20' 41" W e 55° 53' 04" W de longitude e pertence a bacia hidrográfica do Rio Ibicuí, porção Centro-Oeste do estado do Rio Grande do Sul e tem uma área total de 1.390,7 km². De acordo com a FEE (2010) a população de Manoel Viana é de 7.072 habitantes, sendo 5.362 moradores da zona urbana e 1.710 moradores da zona rural.

O relevo em sua maioria é considerado plano a suavemente ondulado, o que proporciona distribuição dos elementos climáticos de maneira muito semelhante em todo o município. De acordo com os dados da estação meteorológica mais próxima (município de Alegrete), a temperatura média anual é de 18,6°C, sendo janeiro o mês mais quente com temperatura média de 24,7°C, e julho o mês mais frio com temperatura média de 12,7°C. Conforme a classificação proposta por Köppen (1948), o clima é classificado como do tipo *Cfa*, característico das regiões de menor altitude do estado e de condições subtropicais, apresentando verões quentes com temperaturas médias superiores a 22°C e invernos amenos de temperaturas superiores a -3°C. De acordo com INCRA (2009), a precipitação total anual é de 1.575 mm, não havendo grandes diferenças de distribuição entre as estações do ano, embora nos últimos anos tenha sido verificados no verão, eventos de enchente ou seca.

A base econômica da região, bem como do município, é centrada em atividades rurais, com destaque para a pecuária de corte, soja e arroz em médias e grandes propriedades especialmente. No final de década de 90 a região começou a receber a instalação de assentamentos de reforma agrária, com pessoas provindas de outros locais do estado trazendo consigo uma nova dinâmica social e econômica para os municípios da Fronteira Oeste do RS, pois os assentados dos projetos de reforma agrária geralmente buscam desenvolver atividades menos tradicionais na região. A maior parte das famílias trabalha com uma produção diversificada, voltada principalmente para o autoabastecimento do núcleo familiar e eventuais vendas de excedentes.

Os assentamentos dessa região foram alocados, em sua maioria, destinando às famílias áreas inferiores ao módulo fiscal⁴. Em Manoel Viana, o módulo fiscal equivale a 35 hectares,

⁴ Uma medida de área que varia de município para município, de acordo com determinados critérios – que corresponde à área mínima necessária a uma propriedade rural para que sua exploração seja economicamente viável, e é o parâmetro segundo a Legislação Agrária utilizada para categorizar as propriedades no que tange ao seu tamanho.

e as médias de área das quais as famílias dispõem é de 26 hectares. Além disso, os solos dessas áreas são frágeis em função da textura arenosa, em grande parte suscetível a processos erosivos.

O assentamento Santa Maria do Ibicuí está localizado na região noroeste do município e foi criado em dezembro de 1999 com uma área de 6.134,9382 ha, dividido em 225 lotes que possuem uma área média de 26 hectares (INCRA, 2009). Está localizado a 22 km da sede do município, no 2º distrito de Manoel Viana denominado de Pirajú. Além da produção de leite, que é a principal atividade do assentamento, a produção de hortigranjeiros tem se apresentado como um bom potencial de gerar renda às famílias. Essas produções de pequena escala se mostram com possibilidades de expansão, já que em análises preliminares visualiza-se um grande espaço para a comercialização no próprio município.

A presente pesquisa pode ser classificada como um estudo de caso teórico-empírico, pois se utiliza de referenciais bibliográficos teóricos, mas também conta com observações da realidade empírica, a partir de uma abordagem qualitativa. Yin (2005) refere-se ao estudo de caso como um método eclético, utilizado para facilitar a compreensão de fenômenos sociais complexos e com uso bastante frequente nas áreas das ciências humanas e sociais. De acordo com Oliveira (2012) a abordagem qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou fenômenos da realidade. Visa buscar informações fidedignas para explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa (OLIVEIRA, 2012).

Assim, foram realizadas dez entrevistas com famílias de agricultores do assentamento Santa Maria do Ibicuí que têm a produção de frutas e olerícolas e apresentam algum tipo de relação com o mercado. Os questionamentos foram feitos com o auxílio de um roteiro de entrevistas buscando dar conta de responder os itens elencados nos objetivos, bem como para permitir o máximo de liberdade nas respostas. A amostra do universo investigado ocorreu com o auxílio base de dados do SIGRA (Sistema Integrado de Gestão Rural da ATES), identificando as famílias que apresentam as características de interesse para a investigação. Lakatos e Marconi (1991) definem amostra como uma parcela do universo convenientemente escolhido para a pesquisa. Nesse sentido, a seleção de amostra foi não-probabilística intencional, visto que os elementos examinados foram definidos pelo pesquisador.

Além das entrevistas, foi utilizada também para a obtenção dos dados, a observação participante. Segundo Selltiz (apud Richardson, 1989), “a observação torna-se uma técnica

científica à medida que serve a um objetivo formulado de pesquisa, é sistematicamente planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais e, em vez de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes é submetida a verificações e controles de validade e precisão”. Oliveira (2012) evidencia que a observação participante é aquela que o pesquisador (a) interage com o contexto pesquisado, ou seja, estabelece uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de constante diálogo.

A interpretação das informações coletadas foi analisada, sistematizada e apresentada no tópico resultados e discussão. Para Lakatos e Marconi (1991), a análise é a busca pelas relações entre o fenômeno estudado e outros fatores enquanto a interpretação consiste na exposição do significado do que foi obtido, na tentativa de se conseguir um significado mais amplo para as respostas, pela correlação com outros conhecimentos. Utilizou-se em vários momentos trechos das falas dos agricultores e agricultoras entrevistados a fim de exemplificar melhor suas percepções, valendo-se de convenções, como A1 para identificar o (a) agricultor (a) 1, A2 o (a) agricultor (a) 2 e assim por sucessivamente.

Espera-se com a presente pesquisa subsidiar o poder público com importantes informações a cerca das dificuldades e potencialidades que a produção de frutas e hortaliças tem no município. Assim, espera-se mostrar a necessidade de reconhecimento da importância que essas produções poderão ter para o fortalecimento da agricultura familiar e dos assentamentos de reforma agrária da região, resultando desta maneira, no crescimento da economia local. Através de um maior apoio e incentivo às ações que as famílias vêm realizando será possível a visualização do potencial destes cultivos por todos os atores sociais envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 330 assentamentos de reforma agrária criados, e/ou reconhecidos pelo INCRA no Rio Grande do Sul, 168 assentamentos estão situados na região da Campanha Gaúcha. Em função da estrutura fundiária concentrada e o baixo valor de mercado da terra (comparado com outras regiões), este espaço agrário tem despertado o interesse para a reforma agrária. Grande parte das famílias alocadas na Campanha e Fronteira Oeste são oriundas de outras regiões do estado, onde tinham contato com culturas anuais, como a soja por exemplo. Então, logo que chegaram à região, acabaram tentando reproduzir o modelo de produção agrícola

adotado na época em suas regiões de origem, utilizando os poucos recursos financeiros disponíveis. Entretanto, devido à dependência de maquinário de terceiros, condições do solo e restrições de ordem climática, os cultivos realizados não prosperaram, e causaram o endividamento e impossibilidade de acesso a novos créditos para a produção em muitos casos.

Em consequência de todas as dificuldades, grande parte das famílias tiveram que buscar novas estratégias de manutenção na terra e de reprodução social, a partir de recursos próprios. Assim, muitas famílias aos poucos converteram/convertem suas estruturas produtivas para a criação de bovinos de leite. Essa tem sido uma atividade importante que tem garantido uma renda mensal às famílias e mostra-se com potencial de expansão e necessidade de aperfeiçoamento em alguns pontos, pensando na eficiência produtiva.

Paralelo à bovinocultura de leite, verifica-se a pecuária de corte como uma atividade principal em alguns casos e, em outros, como uma atividade complementar. Isso mostra a dinâmica produtiva local, que é típica da região, influenciando as atividades desenvolvidas nos lotes dos assentamentos.

De maneira geral, pode ser observada nos lotes uma diversidade de cultivos e criações, que acabam colaborando para a diversificação da matriz produtiva da região. Além das atividades já descritas, são encontradas com frequência produções destinadas basicamente para o autoconsumo familiar como hortas, pomares, pequenas lavouras de grãos, criação de pequenos animais e produtos de transformação caseira. Guanzirolí et al. (2001) destaca que essa diversidade de atividades é própria da produção familiar que é caracterizada por sistemas de produção complexos, com combinação de culturas, criações animais e transformações primárias, tanto para o consumo familiar, quanto para o mercado.

Das produções das hortas e dos pomares, frequentemente existem excedentes que aos poucos começaram a ser comercializados em feiras e mercados institucionais, como PNAE. Essas iniciativas têm incentivado as famílias a aumentarem os cultivos, pois passaram a observar as alternativas de comércio e uma nova e importante fonte de renda. Desde 2010 o PNAE está em andamento no município, que conta com a participação das três escolas municipais e uma creche, e três escolas estaduais, com graus de envolvimento diferentes no Programa.

Desde que se iniciou a comercialização de produtos para as escolas, mais de 50 agricultores já participaram das chamadas públicas. Anualmente, aproximadamente 15 famílias mantêm contratos com as escolas. Entretanto, observa-se que nos últimos anos a

demanda de alimentos nas chamadas públicas da agricultura familiar das escolas municipais tem sido menor, o que fez com que reduzisse o número de fornecedores neste último ano. Nas feiras de produtores participam, ao longo do ano, não mais que dez famílias, na maioria dos casos, as mesmas que comercializam para o PNAE. Esses dois canais de comercialização apresentam características distintas quanto ao envolvimento das famílias. Na feira é necessária um dia de trabalho a mais especialmente destinado a venda (embora permita comercializar qualquer produto em qualquer quantia) e as escolas a entrega de um volume de produção é realizada de uma só vez (produtos e quantidades pré-determinadas).

Em Manoel Viana, dos 225 lotes, mais de 80% dos lotes apresentam horta e/ou pomar com produções destinadas ao abastecimento familiar. Entretanto, a grosso modo, considera-se que o número de famílias que se dedicam a essas atividades, em escala comercial, seja pequeno na região, no município e no assentamento. Acredita-se que são vários os fatores que contribuem para o rol de dificuldades para esses cultivos na região. Entre eles se pode citar: a cultura econômica da região, a tradição familiar, a falta de ações de organização social, a instabilidade climática que gera sazonalidade da produção, as características de solo, problemas de pragas e doenças, mercado desorganizado, problemas de logística e transporte dos produtos, dificuldades de disponibilidade de mão de obra, problemas de idade ou saúde e envelhecimento das famílias envolvidas, deficiência de abastecimento de água para irrigação, falta de recursos para investimento inicial, carência de conhecimento técnico, perecibilidade dos produtos, problemas de transformação (agroindustrialização) dos produtos, dificuldades para a compra de sementes, insumos e materiais necessários na região, etc.

Estima-se que no município de Manoel Viana, mais de 90% das frutas e olerícolas comercializadas venham de outras regiões, e que muitas das dificuldades apontadas podem ser contornadas com conhecimento técnico e políticas públicas adequadas, como suporte inicial a fim dos agricultores conseguirem organizar a infra-estrutura para a consolidação das atividades. Assim, ao mesmo tempo em que se apontam as dificuldades desses cultivos na região, visualiza-se a produção de frutas e olerícolas como uma alternativa para a inclusão produtiva e viabilização de agricultores familiares na região.

Paralelo a isso, existe a necessidade de ampliarem-se os esforços na geração de tecnologias adequadas a realidade das famílias da região, pois acredita-se que pela pouca produção desses alimentos e pelas características: utilização de pequenas áreas, ciclo curto e retorno rápido do capital investido, essa pode ser uma boa opção produtiva. O abastecimento

regular de produtos nas feiras e supermercados a partir da produção local apresenta vantagens competitivas em termos de qualidade, comparadas aos produtos de outras regiões que percorrem longas distâncias até chegar ao consumidor final.

No assentamento Santa Maria do Ibicuí, a criação de uma cooperativa de leite que seria responsável pela comercialização, fez com que muitas famílias se sentissem motivadas com a bovinocultura de leite. Assim, se pode inferir que a tomada de decisão pela atividade produtiva desenvolvida nos lotes, foi de certa maneira, uma tomada de decisão coletiva, onde elegeu-se uma atividade com um risco menor e uma renda mensal garantida.

Rambo e Machado (2009) ressaltam que o decisor otimiza sua escolha quando opta por uma alternativa que é a melhor de acordo com algum critério que permite comparar as alternativas entre si. Desta maneira, a opção, em grande parte das famílias do assentamento, decidir em trabalhar com a atividade leiteira, deve-se a estrutura de comercialização que foi viabilizada pela cooperativa idealizada pelas próprias famílias. A infraestrutura da propriedade, rendas externas à propriedade (ou aposentadorias), bem como a facilidade de acesso ao mercado contribuem nas decisões produtivas. O fato do risco da produção e da dificuldade da comercialização mostra a racionalidade que existe por trás das opções produtivas a que se dedicam as famílias.

Trento et al. (2011) lembram que os agricultores, individualmente, com relativa facilidade, produzem bem, porém, na hora de enfrentar o mercado, não possuem poder de competitividade, em função do baixo poder de compra e venda e das baixas quantidades ofertadas e adquiridas. Estes mesmos autores dizem que o associativismo é uma estratégia competitiva de acesso ao mercado. Então, neste caso, a criação da cooperativa foi essencial para viabilizar a comercialização do leite.

A região estudada teria mais um ponto favorável para o desenvolvimento do cultivo de olerícolas e frutas: a possibilidade de ser realizado um trabalho em base ecológica, pois pelas características naturais e históricas, a natureza mostra-se menos prejudicada, e o pacote tecnológico da revolução verde ocorreu de maneira menos consistente na região. Por este motivo, existe uma vantagem em relação a outras regiões, pois esta teria áreas que não necessitaria passar por uma "transição agroecológica", fato recorrente de locais onde a agricultura dita moderna se estabeleceu há mais tempo.

Uma produção de base ecológica tem um potencial maior nos assentamentos, por ser bandeira de luta dos movimentos sociais, e as famílias já possuem algum tipo de contato

com formas de produzir menos agressivas ao meio ambiente⁵. As produções mantidas nas hortas e pomares do assentamento não utilizam nenhum tipo de agrotóxicos, entretanto não recebem nenhum tipo de denominação de orgânico, até por não terem certificação.

A partir das entrevistas realizadas junto às famílias do assentamento Santa Maria do Ibicuí, apresenta-se as informações obtidas, bem como suas percepções em relação às dificuldades e potencialidades que enxergam na produção e comercialização de frutas e olerícolas em Manoel Viana. As famílias entrevistadas foram aquelas que apresentam produção desses produtos e têm alguma relação com o mercado, seja PNAE, feira e/ou encomendas.

Das famílias entrevistadas, 30% têm na produção de olerícolas e/ou frutas a renda principal do lote. O restante tem nessas produções uma renda complementar a outras atividades. As atividades que aparecem como principais, com mais frequência são: leite (30%), suínos (10%), arroz (10%), peixe (10%) e bovinos de corte (10%). Aparecem ainda como atividades complementares a avicultura colonial para produção e comercialização de ovos e frangos, e a produção caseira de queijo e panificados.

Dos entrevistados, 30% relatam que já produziram e comercializaram produtos nos municípios que moravam anteriormente, demonstrando certa experiência com comercialização de produtos. Um dos entrevistados relata que “a terra é melhor aqui, se colocar adubo, produz bem” (A9). Todos os entrevistados declararam que sempre produziram esses alimentos para o consumo da família, mesmo antes de irem morar no assentamento. Relatam que acham importante conhecerem a origem dos produtos que consomem, além de representar uma economia de recursos. Na figura 1 são apresentados os produtos olerícolas (incluindo “plantas de cercado⁶”) e na figura 2 as frutas que são produzidas e consumidas nos lotes.

⁵ No Assentamento Santa Maria do Ibicuí, em 2015 aproximadamente 500 ha de arroz orgânico foram cultivados.

⁶ Incluem-se as culturas: batata doce, mandioca, abóboras e morangas

Produtos autoconsumo	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Alface										
Couve										
Tempero verde										
Repolho										
Espinafre										
Cebola										
Alho										
Brócolis										
Couve-flor										
Rucula										
Cenoura										
Beterraba										
Abóbora/moranga										
Beringela										
Pimentão										
Tomate										
Ervilha										
Rabanete										
Chuchu										
Radite										
Batata doce										
Mandioca										
Couve chinesa										
Pepino										
Pimenta										

Figura 1 – Olerícolas (e “plantas de cercado”), produzidos e consumidos pelas famílias entrevistadas
Fonte: elaborada pela autora.

Produtos autoconsumo	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Bergamota										
Laranja										
Limão										
Pessego										
Abacate										
Maracujá										
Banana										
Morango										
Amora										
Melão										
Melancia										
Uva										
Mamão										
Manga										

Figura 2 – Frutas produzidas e consumidas pelas famílias entrevistadas
Fonte: elaborada pela autora.

Se observa a grande diversidade de produtos que são produzidos e consumidos nos lotes. Buscar produzir grande parte daquilo que a família necessita a partir da diversificação da produção, consiste em uma característica emblemática do Movimento dos Trabalhadores

Sem Terra e faz com que a qualidade dos produtos seja diferenciada, a dieta alimentar das famílias seja mais rica, além de representar uma economia de recursos para a família e potencial de renda extra com a comercialização do excedente da produção. A figura 3 e a figura 4 apresentam os produtos olerícolas (incluindo “plantas de cercado”) e as frutas, respectivamente que são produzidas e comercializadas.

Produtos comercializados	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Alface										
Couve										
Tempero verde										
Repolho										
Espinafre										
Cebola										
Alho										
Brócolis										
Couve-flor										
Rucuíla										
Cenoura										
Beterraba										
Abóbora/moranga										
Beringela										
Pimentão										
Tomate										
Ervilha										
Rabanete										
Chuchu										
Radite										
Batata doce										
Mandioca										
Couve chinesa										
Pepino										
Pimenta										

Figura 3 – Olerícolas (e “plantas de cercado”), produzidos e consumidos pelas famílias entrevistadas
Fonte: elaborada pela autora.

Produtos comercializados	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Bergamota										
Laranja										
Limão										
Pessego										
Abacate										
Maracujá										
Banana										
Morango										
Amora										
Melão										
Melancia										
Uva										
Mamão										
Manga										

Figura 4 – Frutas produzidas e comercializadas pelas famílias entrevistadas
Fonte: elaborada pela autora.

Comparando as tabelas de produtos consumidos e de produtos comercializados Se pode observar que não são todas as famílias que vendem toda a diversidade de produtos que cultivam no lote. Importante destacar que aqueles que fazem feiras na cidade, conseguem comercializar inclusive pequenas quantidades de cada produto (excedente do consumo). Já aqueles que comercializam somente para o PNAE, acabam se limitando naqueles produtos que foram solicitados nas chamadas públicas e se comprometeram no projeto de venda elaborado previamente.

As feiras de produtores são importantes vias de comercialização que em algumas épocas do ano as famílias fazem uso esporadicamente, e em outras épocas (de maio à dezembro), utilizam com mais frequência (semanalmente ou quinzenalmente). A feira, além das vantagens para as famílias e para os consumidores, tem sido fundamental para expor à população local a importância que a agricultura familiar e a reforma agrária poderão ter para a produção de alimentos saudáveis.

Frequentemente, as famílias fazem relatos de que gostam de produzir determinados produtos como olerícolas, frutas, “plantas de cercado”, queijo, panificados, etc, mas não revelam aptidão em estabelecer relações com o mercado em função da disponibilidade de tempo, transporte e da necessidade de negociação contínua. Uma das entrevistadas confirma essa ideia dizendo que “eu gostaria só produzir e não me envolver pra vender” (A3).

Quando questionados do porquê decidiram desenvolver as atividades que trabalham atualmente, grande parte deles relatam que quando chegaram no assentamento tentaram a produção de soja, mas as colheitas não foram satisfatórias na maioria dos casos nem cobrindo os custos das lavouras. Mesmo assim, foram persistindo no cultivo da soja, imaginando que se o clima colaborasse, conseguiriam recuperar os prejuízos de safras passadas. No entanto, não foi isso que ocorreu e as dívidas foram aumentando. Como necessitavam de uma alternativa produtiva que gerasse renda e permitisse manter as famílias no lote, a atividade leiteira foi a mais cotada, além de ser uma atividade relativamente fácil de trabalhar na avaliação dos agricultores. Algumas famílias já tinham alguns bovinos e tiravam leite para o consumo, então foi uma possibilidade visível e ao alcance, facilitada ainda mais pela criação da cooperativa que ficou responsável pela comercialização do leite. Assim, de todas as atividades que as famílias desenvolviam em menor escala, o leite foi a que prosperou, muito em função do comércio estabelecido.

Falando sobre o porquê os entrevistados decidiram investir em olerícolas e frutas, estes relatam que é uma atividade que gera uma boa renda e que as pessoas na cidade então sempre querendo comprar os produtos diretamente do meio rural, além de terem a disposição sempre para o consumo da família. Um dos entrevistados diz que é uma atividade que permite o “conforto de trabalhar em casa, fazendo o próprio horário (sem horários fixos como no leite), tirar para comer, doar para vizinhos a ainda vender” (A5). Outro diz que “esse é nosso dom, é nossa profissão” (A1), referindo-se ao gosto que sente em cultivar esses alimentos. Parte dos entrevistados diz que os cursos que participaram e os incentivos dos técnicos colaboraram para que decidissem optar produzir e vender os produtos da horta e do pomar.

A justificativa principal por terem optado trabalhar com horta e/ou pomar tendo produtos para a venda são as seguintes: Pequena área disponível para a produção de outros produtos (50%), fonte complementar da renda (30%), atividades mais fáceis de trabalhar (10%), não terem estrutura para investirem em outras atividades (10%). Aqueles que têm outras atividades como principais fontes de renda do lote e como fonte secundária as olerícolas e frutas, explicam que a comercialização daqueles outros produtos é mais fácil, como é o caso do leite, e que “garante um salário sem grandes variações no final do mês para pagar as contas” (A3).

Na opinião dos entrevistados, foram citados basicamente os mesmos pontos como principais dificuldades encontradas para a produção de frutas e olerícolas na região, entre eles: o transporte para levar os produtos até o mercado consumidor, pouca mão de obra disponível no lote, investimento em infra-estrutura para qualificarem as produções, maquinário para preparo dos canteiros, disponibilidade de água, sementes de qualidade no caso de olerícolas.

Em relação à comercialização, as opiniões se dividem. Parte das famílias acredita que ainda exista lugar para o comércio destes produtos no município, “mesmo se mais gente plantasse, ainda teria espaço” (A6). “Espaço para comércio tem, tudo que eu levo, eu vendo” (A1). O conteúdo dessa frase foi dito por todos que fazem feira, ou levam os produtos para vender na cidade por encomendas ou de porta em porta. “A venda dos produtos da horta foi o que sustentou nós o ano passado” (A2). “Se eu produzisse mais, vendia mais e se produzir bem e levar para vender, rende um salário bom” (A5). Já outros defendem que se aumentarem a escala de produção, a cidade não comportará os produtos. “A comercialização em grande escala não tem espaço em Manoel Viana” (A9).

Neste sentido, destaca-se que deveria haver uma melhor organização das famílias para tentarem comercializar nas redes de supermercados e pequenos mercados do município. Neste caso, seria necessário escalonamento de produção visando o atendimento contínuo durante todos os meses do ano, e uma diversidade de produtos que os mercados demandam, para que deixem de buscarem produtos fora do município.

Atualmente não existe a comercialização nas redes de supermercado e pequenos mercados, sendo as vendas dos produtos realizadas somente através do PNAE, feiras de agricultores e encomendas de produtos. Pelo deficiente planejamento das famílias, ainda existe uma produção grande de determinados produtos e a falta de outros, em determinadas épocas. Este fato compromete as entregas nas escolas, pois a oferta de determinados produtos acaba sendo concentrada em alguns períodos, fazendo com que ainda haja compra desses alimentos pelas escolas nos supermercados nas épocas em que não existe oferta dos agricultores familiares. Isso se deve também aos poucos recursos disponíveis das famílias para investirem nas tecnologias básicas que fariam melhorar a produção, como exemplo: estufas, túneis baixos, sombrite, irrigação por gotejamento, etc.

De acordo com as entrevistas, o preparo dos canteiros é realizado de forma manual, pois não dispõem de equipamentos. Nenhuma das famílias tem estufa, 20% utilizam túnel baixo em alguns canteiros, 50% utilizam gotejo em algumas culturas e 60% utilizam sombrite em parte da horta. Esses valores de certa forma indicam as melhorias técnicas que as famílias podem fazer uso para aumentar e melhorar as produções.

Em relação ao transporte dos produtos, que foi um dos principais itens apontados como dificuldade, observa-se o esforço que as famílias fazem para comercializarem os produtos. Dos entrevistados, 30% possuem veículos de passeio que acabam sendo usados para o transporte dos produtos, os demais utilizam o ônibus⁷ que faz a linha três vezes, por semana no assentamento. Os alimentos que são vendidos para o PNAE, às vezes as famílias conseguem com que os motoristas dos ônibus escolares levem parte dos produtos.

Outra dificuldade apontada foi a carência de mão de obra, pois o cultivo de olerícolas e frutas são bastante exigentes em manejo, do preparo da área à comercialização. Dos entrevistados, a maioria conta com a mão de obra apenas do casal para essas atividades e demais ações que desenvolvem no lote. A disponibilidade de água, citada também como limitante para 40% dos entrevistados, é um fator bem importante de ser observado e que para

⁷ No ônibus pagam além da passagem, taxas extras pela quantidade de volumes que transportam.

minimizar ou resolver este problema dependeria de investimentos. Ideal seria se todos que trabalham com horta tivessem condições de armazenar a água da chuva para utilizá-la posteriormente, visto a disponibilidade deste recurso natural e a qualidade que apresenta. As dificuldades em encontrar sementes de qualidade, lembradas por 30% dos entrevistados é consequência da pouca produção do município, que faz com que a disponibilidade seja bastante restrita. Os agricultores relatam que já encontraram no comércio sementes com prazo de validade vencido, e dificilmente encontram sementes específicas de culturas, como alface de verão e cenoura de verão, por exemplo.

Entre as principais potencialidades citadas está o fato de que todas as culturas que tentaram produzir nos lotes tiveram êxito, demonstrando que para o cultivo em si, não foram relatadas muitas dificuldades. “Tudo que eu plantei, sempre produziu bem”, (A1). “Se dizer que não dá é mentira, já consegui pagar rancho só com o dinheiro das merendas”, (A8). “O dia que eu parar de plantar morango, eu vou embora daqui” (A5). Esses relatos comprovam o resultado positivo que as famílias estão tendo e a importância sócio-econômica que representam. O potencial destas culturas se deve também a possibilidade da boa renda por área cultivada.

Foi questionado aos entrevistados, se a ATES influencia nas decisões produtivas, e de que forma. As respostas em 70% dos casos foram enfáticas em afirmar que sim, dizendo que em muitos casos são os técnicos que mostram as possibilidades de comércio e incentivam os cultivos de produtos que existe uma maior demanda. Talamini e Dalmazo (1993) relatam que a assistência técnica desempenha um papel chave no momento da tomada de decisão do produtor rural, pois atua como um facilitador que supre as necessidades de informações. Os outros 30% dos entrevistados responderam que influenciam no sentido de proporcionarem cursos que os fazem conhecer técnicas de produção sobre vários temas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cultivo de olerícolas e frutas na região da Fronteira Oeste, mesmo com limitações de ordem ambientais, apresenta um grande potencial. As experiências desenvolvidas e conhecidas até o momento amparam essa ideia, pois mostram que uma diversidade grande de espécies se adapta as condições locais. Se para a produção, os problemas identificados podem ser superados com conhecimento técnico e tecnologias adaptadas a cada realidade, para a

comercialização exigirá um melhor planejamento das famílias visando o escalonamento dos produtos para que haja regularidade de oferta.

Os mercados institucionais consistem em opções de comércio imprescindíveis e proveitosas visto que os preços pagos aos produtos são justos, entretanto no caso estudado é um mercado limitado em função do pequeno número de escolas e outros órgãos públicos passíveis de comercialização em Manoel Viana. Assim, uma das opções seria fortalecer a Feira de Produtores e garantir a inserção e permanência no mercado varejista. No entanto, para a consolidação dessas alternativas em um primeiro momento as famílias necessitariam de um apoio do poder público, seja em transporte, local adequado em estrutura para comercialização na feira, auxílio para preparo das áreas de produção, entre outras.

Neste sentido, as parcerias podem ser interessantes (com entidades de pesquisa, instituições de ensino, órgãos do governo), para elaboração de projetos que visem a melhoria das condições ambientais (solos e água, por exemplo), criação de espaços qualificados para o comércio, locais próprios para manipulação e preparação dos produtos para venda e estruturas adequadas para armazenamento dos alimentos, etc. Uma alternativa a ser explorada também, são os produtos diferenciados que vão ao encontro da necessidade dos consumidores como os minimamente processados, na forma de saladas prontas e os “kits sopa”, que constam de legumes e verduras descascados e picados.

Por parte dos agricultores, seria necessária uma união de esforços no sentido de se ajudarem mais entre si em questões relacionadas ao comércio especialmente. A atuação conjunta permitiria a organização e alcance em um número maior de mercados a partir da divisão dos produtos demandados para que não haja oferta excessiva de determinado produto e deficiência de outros. Essa gestão se torna essencial para tentar exercer algum poder de barganha relacionado ao preço, não criando concorrência entre os fornecedores locais. A constituição de um grupo ou associação facilitaria o planejamento desta e outras questões, como por exemplo, a compra conjunta de equipamentos, materiais e insumos, visto que esse também foi um limitante citado pelos entrevistados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável.** Brasília, DF, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: <<http://>

nutricao.saude.gov.br/documentos/guia_alimentar_conteudo.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2014.

BROSSIER, J. Systèmeetystème de production: note surces concepts. **Cahiersdes Sciences Humaines**, Paris, v. 23, n. 3-4, p. 377-390, 1987.

BROSSIER, J. et al. Modélisation systémique et systèmeagraire: **décision et organisation**. Paris: INRA, 1990.

CARRIERI, A. de P. **A racionalidade administrativa**: os sistemas de produção e o processo de decisão-ação em unidades de produção rural. Lavras. 208 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura de Lavras, Universidade Federal – Minas Gerais, 1992.

CHAYANOV, A. W. 1974. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 319 pp.

GUTIERREZ, A. S. D. O negócio das frutas e hortaliças frescas. **Revista DBO Agrotecnologia**, São Paulo, p. 18-19, ago./set. 2008. Disponível em: <http://www.portaldbo.com.br/revistaagro/pdf/mat_2490.pdf>. Acesso em 05 jun. 2014.

DALCIN, D. **O Processo de Tomada de Decisão em Agricultores de Boa Vista das Missões - RS**. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

FEE – FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER. **Indicadores econômicos**. 2010. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee>>. Acesso em 24 out. 2011.

FNDE, **O encontro da Agricultura Familiar com a Alimentação Escolar**. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/alimentacaoescolar>. Acesso em: 21 de jul. 2014.

HAMEL, G.; PRAHALAD, C. K. **Competindo pelo Futuro**: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã. Rio de Janeiro: Campus: 1995.

INCRA/RS. **Relatório ambiental do Projeto de Assentamento Santa Maria**. Porto Alegre, 2009.

JOMORI, M. M.; PROENÇA, R. P. C.; CALVO, M. C. M. Determinantes de escolha alimentar. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 63-73, jan./fev. 2008.

LAGO, A.; ARNUTI, F.; BARRO, E.; FABRIZIO, C. M.; MIGLIORINI, P.; Caracterização e análise da cadeia produtiva de hortaliças in natura em Frederico Westphalen-RS. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL**, 48., 2010, Campo Grande. Mato Grosso do Sul: SOBER, 2010. 21 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LARA, B. **La decision**: un problema contemporáneo. Madrid/España: Colpe, 1991.

LIMA, A. P. et al. **Administração da unidade de produção familiar**: modalidades de trabalho com agricultores. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

MACHADO, J. A. D. **Análisis del sistema información-decisión en agricultores de regadio del Valle Medio del Guadalquivir**. 1999. 307 f. Tese (Doutorado em Economia Agroalimentar) - Universidade de Córdoba, Córdoba, Espanha, 1999.

MEIRA, J. N.; SETTE, R. de S. Sucesso econômico e perfil estrategista empreendedor de produtores rurais. **Anais do 20º ENANPAD**. Angra dos Reis-RJ. 1996. p.85-101.

OLISZESKI, C. A. N.; **Modelos de planejamento agrícola**: um cenário para otimização de processos agroindustrial. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2011.

OLIVEIRA, M. M. de; **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAMBO, A. G.; MACHADO, J. A. D.; Tomada de Decisão em Questões Relativas ao Desenvolvimento Territorial: Capital Social, Empoderamento e Governança na Agricultura Familiar. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL**, 47., 2009, Porto Alegre. Rio Grande do Sul: SOBER, 2009. 20p.

REICHERT, L. J.; GOMES, M. C. **O processo administrativo e a tomada de decisão de agricultores familiares em transição agroecológica**. Revista de La Facultad de Agronomía, La Plata (2013) Vol 112 (2): 105-113

RODRÍGUEZ OCAÑA, A. **Propuesta metodológica para el análisis de la toma de decisiones de los agricultores**: aplicación al caso del regadío extensivo cordobés. 1996. 221 f. Tese (Doutorado em Economia Agroalimentar) - Universidade de Córdoba, Córdoba, Espanha, 1996.

SCHNEIDER, S. **Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - 2003 Vol. 18 Nº. 51

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2ª ed. São Paulo : EPU, 1987. 3V.

SILVA, A.; BRANDÃO, J. B.; ARBAGE, A. P.; SOUZA, R. S. Análise estratégica do varejo de frutas, legumes e verduras (FLV) da CAAL: a relação entre coordenação vertical e qualidade. In: **CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL**, 48., 2010, Campo Grande. Mato Grosso do Sul: SOBER, 2010. 16 p.

SIMON, H. A. 1970. **Comportamento administrativo**: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 278 pp.

_____. Rationality as process and as product of thought. **American Economic Review**, v. 68, n. 2, 1978, p. 1-16.

_____. From substantive to procedural rationality. In: HAHN, F.; HOLLIS, M. (eds). **Philosophy and economic theory**. London: Oxford University, 1979.

TRENTO, E. J., SEPULCRI, O. e MORIMOTO, F. **Comercialização de frutas, legumes e verduras**. Curitiba: EMATER, Série Informação Técnica 085, 2011.

VILELA, N. J.; HENZ, G. P. Situação atual da participação das hortaliças no agronegócio brasileiro e perspectivas futuras. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.17, n. 1, p. 71-89, jan..abr. 2000. Disponível em <<http://webnotes.sct.embrapa.br/pdf/cct/v17/cc17n104.pdf>>. Acesso em 07 nov. 2014.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **WHO and FAO announce global initiative to promote consumption of fruit and vegetables**. Genebra, 2003. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr84/en>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

APÊNDICE

Roteiro de entrevistas para os agricultores:

- 1) Quais são as atividades desenvolvidas no lote (que o produtor julga em nível de importância)?
1ª.....
2ª.....
3ª.....
4ª.....
- 2) Há quanto tempo trabalho com essas atividades?
- 3) Porque trabalha com essas atividades? (por que decidiu trabalhar com isso?)
- 4) Porque não investe em outras atividades?
- 5) Principais dificuldades encontradas para a produção de frutas e olerícolas? (Porque não aumenta o cultivo de frutas e olerícolas no lote?)
- 6) Sistemas de produção que utilizam: (tipos de tecnologia) para a produção de hortaliças
- 7) Principais potencialidades que observa para a produção de frutas e olerícolas?
- 8) Que frutas e hortaliças produz?
- 9) Onde comercializa os produtos? (os produtos de todas as atividades)
- 10) A ATES influencia nas decisões produtivas? De que forma?